

TRABALHADORES DO SAMU: SUJEITOS QUE ATUAM ENTRE O PRAZER E O SOFRIMENTO

Cleusa Arnemann¹
Lilian Ester Winter²

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre a psicodinâmica do trabalho com os profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) da região noroeste do RS. Objetivou compreender como o prazer e o reconhecimento se articulam no processo de ressignificação do sofrimento no trabalho, favorecendo a saúde e a emancipação do trabalhador. A coleta de dados foi realizada com 10 sujeitos, baseada na metodologia da psicodinâmica do trabalho criada por Dejours e na escuta psicanalítica. Foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (1979), no qual foram elencadas seis categorias semânticas: a dinâmica do reconhecimento, posição de alerta permanente, o uso da inteligência prática, cooperação, estratégias de defesas coletivas, ressignificação do sofrimento e emancipação dos trabalhadores. Os resultados do estudo apontaram que o processo de reconhecimento é fundamental para ressignificar o sofrimento e transformá-lo em prazer, revelando que outros fatores também interferem nesse processo como a abertura dos espaços de fala, o uso da inteligência prática e o trabalho coletivo baseado na confiança e cooperação.

Palavras-chave: sofrimento; prazer; emancipação.

SAMU WORKERS: SUBJECTS WHO WORK BETWEEN PLEASURE AND PAIN

ABSTRACT

This article presents a study about the psychodynamics of work with professionals of the Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), from the northwestern region of RS. It aimed to understand how pleasure and recognition are articulated in the reframing process of suffering at work, promoting health and the emancipation of the worker. Data collection was performed on ten subjects, based on the methodology of psychodynamics of work created by Dejours, and on psychoanalytic listening. The content analysis of Bardin (1979) was used, in which six semantic categories were listed: dynamics of recognition, position of permanent alert, the use of practical intelligence, cooperation, collective defense strategies, reframing suffering and emancipation of workers. The results of the study showed that the recognition process is crucial to reframe the suffering and transform it into pleasure, revealing that other factors also affect this process such as opening room for speech, the use of practical intelligence, and collective work based on trust and cooperation.

Keywords: suffering; pleasure; emancipation.

¹ Graduanda do curso de Psicologia da Sociedade Educacional Três de Maio-Setrem

² Psicóloga, Mestre em Desenvolvimento, coordenadora e professora do Curso de Psicologia da Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM

Introdução

O trabalho assume um lugar de destaque na vida do sujeito, configurando - se como transformador e dotado de sentido; pois tem relação direta com a posição subjetiva e por isso sua escolha não é aleatória. Conforme Martins (2008, p. 73), “[...] trabalhar não é apenas exercer atividades produtivas, [...] trabalhar é conviver, viver junto diariamente”. O viver junto pressupõe a construção de laços de pertencimento grupal que se fortalecem no convívio coletivo e a partir do olhar do outro. Por isso, torna-se fundamental que os trabalhadores, em meio aos desafios do cotidiano de trabalho, possam manter a saúde física e mental, bem como o ambiente de trabalho saudável.

O estudo mais aprofundado das relações entre saúde mental e trabalho iniciou com a pesquisa sobre a Psicopatologia do Trabalho por Chirstophe Dejours, a partir da década de 1980. Seligmann-Silva (2010) aponta que atualmente esta é denominada de Psicodinâmica do Trabalho e seu foco é a dinâmica que se refere à formação e às transformações do sofrimento mental vinculadas à organização do trabalho.

Considerando a importância do trabalho na vida do sujeito, torna-se imprescindível o estudo acerca das relações que se estabelecem nessa dialética, no qual a Psicodinâmica do Trabalho e a literatura psicanalítica vêm contribuir para a compreensão dessas demandas que envolvem as questões de sofrimento e de prazer presentes no cotidiano dos trabalhadores.

Entre os vários conceitos desenvolvidos na teoria da Psicodinâmica do Trabalho, neste trabalho destacam-se aqueles que foram aprofundados no embasamento teórico como sustentação da pesquisa: trabalho prescrito e trabalho real; prazer no trabalho e o processo de reconhecimento; o sofrimento no trabalho e as estratégias defensivas no trabalho; cooperação; emancipação do sujeito e ressignificação do trabalho.

Para Gernet e Dejours (2011), o trabalho é a atividade realizada pelos trabalhadores para prover o que não está previsto na organização do trabalho, ou seja, toda a atividade pré-determinada a ser realizada nunca consegue alcançar a garantia de que será executada conforme a prescrição estabelecida. O sujeito ao desenvolver a atividade precisa adequar o que lhe é indicado a ser feito com a realidade das possibilidades de cumprimento do que está determinado.

Para Dejours (2005), no trabalho real, o sujeito deve superar o que não foi previsto, ou seja, é necessário imaginar, inventar e rearranjar para dar conta do real do trabalho. Requer a mobilização de capacidades unicamente humanas, pois é avessa à ordem do maquinal. Já aquilo que está nas tarefas de forma prescritiva é o que se pretende fazer, entretanto, jamais pode ser precisamente atendido.

Em Psicodinâmica do Trabalho, Dejours (1987) propõe que é possível uma boa adequação entre a organização do trabalho e a estrutura mental do trabalhador. Quando essa relação é favorável ao invés de conflituosa, certamente a condição do prazer na realização da tarefa está presente advindo das condições saudáveis da organização do trabalho.

Quanto ao reconhecimento, Dejours (2005) elucida que há duas formas de reconhecimento: reconhecimento no sentido de constatação da realidade à contribuição do trabalhador à organização do trabalho, e reconhecimento no sentido de gratidão pela contribuição do sujeito à organização do trabalho.

Dejours, Abdoucheli e Jayet (2010) mencionam que é possível distinguir dois tipos de sofrimento: o sofrimento criativo e o sofrimento patológico. O último aparece

após esgotar todas as margens de liberdade na transformação da organização do trabalho, quando apenas permanecem pressões fixas e rígidas, aborrecimentos, medos e sentimento de impotência.

A respeito dos processos defensivos que o sujeito utiliza para proteger-se do sofrimento, Martins (2011) afirma que os trabalhadores não são passivos diante dos constrangimentos organizacionais, porque são capazes de proteger-se das situações que prejudicam a sua saúde, construindo processos defensivos contra o sofrimento.

Para Dejours (2011), os trabalhadores elaboram estratégias de defesa para lutar contra o sofrimento no trabalho, como forma de recusa da realidade. Essas estratégias são organizadas em torno da negação do real, isto é, negar aquilo que gera resistência ao domínio técnico. Os procedimentos defensivos são elaborados para enfrentar dois sofrimentos fundamentais do trabalho: o medo e o tédio.

Segundo o autor, a cooperação não é um instrumento mecânico da organização do trabalho, ela se fundamenta no que não é imposto, também não surge por decreto, não é prescrita entre os colegas, ou pelo mesmo nível hierárquico e nem parte da base para o topo. A cooperação é sujeita da vontade dos agentes e esta surge a partir de princípios de confiança e ética, como menciona Dejours (2011).

Mendes e Reis (2011) afirmam que quando comportamentos patológicos ocorrem em espaços laborais como: indiferença, violência e assédio moral; é preciso que o sofrimento provocado nos trabalhadores, decorrente das contradições da organização do trabalho, seja desvelado com a finalidade de descobrir a situação que gerou o início do mal-estar e o encaminhamento que teve até se converter em sofrimento. A partir disso, é possível abrir espaço para o processo da ressignificação desse sofrimento, desarticular possíveis ideologias defensivas e avançar na emancipação do sujeito.

O presente estudo teve como objetivo compreender como o prazer e o reconhecimento se articulam no processo de ressignificação do sofrimento no trabalho favorecendo a saúde e a emancipação do trabalhador do SAMU. Para tanto, foram investigados quais os aspectos que geram prazer no trabalho, se e como ocorre o reconhecimento dos trabalhadores, bem como, buscou-se caracterizar as situações de sofrimento no cotidiano do contexto do trabalho.

Metodologia

A pesquisa foi realizada junto à base do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) de um município do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (RS). A abordagem utilizada teve um enfoque qualitativo e foi conduzida no formato de um estudo de caso.

A construção metodológica na concepção da Psicodinâmica do Trabalho

O estudo seguiu as três particularidades metodológicas indicadas por Dejours (2011) na pesquisa em psicodinâmica do trabalho:

- Não se valeu de questionários ou de entrevistas: a pesquisa ocorreu com trabalhadores organizados em grupos. Não houve entrevista individual.
- A análise aconteceu a partir de um trabalho reflexivo no coletivo, entre trabalhadores e pesquisadores, conduzidos pelo desejo de reapropriação e pela vontade de emancipação dos participantes.

- A palavra que circulou nos encontros foi da ordem do inconsciente, a qual possibilitou chegar à inteligibilidade. “Pode-se falar sem dizer nada. A linguagem ganha o vigor quando a palavra é dirigida aos outros” (Dejours, 2011, p. 99).

Conforme sinalizado na metodologia da pesquisa em psicodinâmica do trabalho, foram distinguidos três pontos fundamentais: a autenticidade da palavra, a formulação da demanda e a escuta.

A Pré-Pesquisa

O estudo no SAMU aconteceu a partir da chamada pré-pesquisa, momento em que se realizou o primeiro contato com a coordenação da unidade da Região do Noroeste do RS. Dialogou-se sobre a proposta de trabalho e sobre a possibilidade de se desenvolver uma pesquisa na referida instituição.

Inicialmente apresentou-se o projeto à equipe e em seguida o grupo acenou positivamente para a realização da pesquisa. Para Dejours (2011), é necessário que a demanda seja formulada pelos trabalhadores. Dessa forma, esse processo foi construído junto ao grupo no decorrer dos encontros, a partir da apresentação da proposta de trabalho que seria desenvolvida.

Este estudo foi concretizado por três pesquisadoras: uma realizou os encontros com os trabalhadores, e as outras duas, orientadora e a co-orientadora do trabalho de conclusão de curso em Psicologia, consideradas como “grupo controle”, tiveram a função de auxiliar na captura de dados relevantes, bem como, contribuir na discussão da pesquisa.

Coleta e análise de dados

Os dados foram coletados através de encontros coletivos, totalizando dez trabalhadores. A faixa etária dos sujeitos participantes variou de 25 a 48 anos, sendo que destes 70% encontravam-se com idade entre 35 e 48 anos. Quanto ao gênero, sete eram do sexo masculino e três do sexo feminino. Em relação ao cargo, cinco exerciam a função de técnico em Enfermagem e cinco eram condutores da unidade móvel. Todos os entrevistados tinham ensino médio completo.

A pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho aconteceu a partir da constituição de um espaço coletivo para os trabalhadores se manifestarem através da fala e da reflexão da própria relação no contexto organizacional. Foram realizados oito encontros, sendo seis com as duplas de trabalhadores, e dois com a participação de um coletivo maior, perfazendo um total de 10 pessoas envolvidas. Cada encontro teve duração de aproximadamente uma hora e meia e a periodicidade foi quinzenal. A duração do todo o processo de coleta de dados foi de dezesseis semanas.

O material de análise foi organizado em categorias semânticas baseadas na análise de conteúdo de Bardin (1979) e na escuta psicanalítica. Definiram-se seis classes: a dinâmica do reconhecimento; posição de alerta permanente; o uso da inteligência prática; cooperação; mecanismos de defesas coletivas e a ressignificação do sofrimento e emancipação do sujeito. No estudo de caso foram utilizados nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

A validação da pesquisa e sua interpretação aconteceram durante a própria pesquisa, tal como propõe a metodologia da Psicodinâmica do Trabalho. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e concordaram

com a utilização de suas narrativas como material de estudo, conforme previsto na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Resultados

A seguir serão apresentadas as seis categorias para a discussão dos dados.

A dinâmica do reconhecimento no trabalho dos profissionais do SAMU

O tema relacionado ao reconhecimento foi recorrente nas discussões coletivas, abordado como um desejo de obtê-lo mais significativamente, ou referido como presente no cotidiano do trabalho. Fragmentos da fala de dois trabalhadores elucidam esses aspectos: “[...] eu sempre digo, o SAMU começou errado!, porque a ambulância chegou às 11h da noite, em silêncio, a cidade estava dormindo, não foi feito uma passeata apresentando a ambulância e o serviço do SAMU. Isso é uma conquista para o município. Quando o corpo de bombeiros conseguiu o caminhão dos bombeiros, eles fizeram uma grande passeata para comemorar com a população, e nós, chegamos em silêncio!” (Paulo, 2012). “Tem aquelas pessoas que mesmo não dizendo nada, percebemos que gostaram do atendimento, outras agradecem, isso nos gratifica, a gente se sente reconhecido. Às vezes tem pessoas que nos chamam de novo! Isso significa que gostaram do nosso atendimento” (Maria, 2012).

O reconhecimento, tão presente no discurso dos trabalhadores do SAMU, é um fator imprescindível do trabalho e de toda a economia intersubjetiva. Sem o reconhecimento, só há sofrimento patogênico, perde-se o sentido do trabalho, o prazer e a capacidade de reapropriação em relação à alienação. Quando o esforço do trabalhador que se caracteriza pela sua contribuição à organização do trabalho passa despercebido, conduz a um sofrimento que é muito perigoso à saúde mental (Dejours, 2011).

Posição de “alerta permanente”

O estado de “alerta permanente” aparece no discurso dos trabalhadores relacionado à condição de estar sempre conectado ao trabalho e também ao desejo de realizar todos os atendimentos com extraordinária eficácia e sucesso.

A esse respeito, apresentam a seguinte fala que elucidam estes aspectos. “[...] a gente pode até dormir, mas nunca desliga. E isso a gente leva pra casa também. Se o meu celular liga a luz, seja só para desligar, eu já acordo. Eu moro aqui do lado do SAMU e do Hospital e trabalho na emergência do hospital, numa noite dessas, eu escutei a campainha da emergência tocar, acordei, não consegui mais dormir. Então a gente fica sempre ligado. Eu queria conversar com um profissional do SAMU que já se aposentou pra ver como é a vida dele após se aposentar, será que o cara consegue se desligar?” (Jonas, 2012).

Essa narrativa ilustra o trabalho contemporâneo, no qual as características encaminham o sujeito, aonde quer que esteja, a não se desligar, pois o trabalho é imaterial e pode ser levado para onde quer que seja como mencionado na narrativa anterior: em momentos de lazer, de descanso entre outros. É a alma do trabalhador que está presente em suas atividades laborais, e por isso não se desconecta (Negri e Lazzarato, 2001).

O discurso sobre o trabalho real e prescrito elucidam-se na seguinte fala: “A gente quer chegar ao local e encontrar a vítima viva, quer poder fazer algo para não deixá-la morrer, quer evitar danos, evitar sequelas, quer encontrar vida, quer encontrar a

vítima gritando, desesperada, mas viva, pra poder fazer algo por ela. Sabemos que não conseguiremos salvar todas, mas gostaríamos de salvar todas!” (Maria, 2012).

O real do trabalho é aquilo que escapa do domínio técnico e ao conhecimento científico e, por isso, torna-se um enigma decifrar. Por mais que se tenha a descrição do registro do chamado da vítima, da descrição das rotinas, da organização do trabalho, a ambulância preparada, ao executar a ação do trabalho, o trabalhador vai se deparar com uma realidade distinta da prescrita.

A inteligência prática dos profissionais do SAMU/Salvar

O uso da inteligência prática surgiu no discurso dos trabalhadores quando narravam os casos de atendimentos de urgência. A cada episódio destacavam-se elementos que não estavam estabelecidos pela prescrição do trabalho e era necessário algo mais para dar conta da execução da tarefa, conforme se demonstra na seguinte fala: “[...] *teve um caso de acidente grave, ao chegarmos ao local já havia dois óbitos, então, colocamos a vítima com vida na ambulância e já vim trazendo para o hospital, não liguei primeiro para a médica da Regulação, no caminho ela me ligou, eu disse: estou a caminho do hospital, depois liguei o telefone e explico. Depois que levamos todas as vítimas, uma de cada vez, eu liguei pra ela, ela entendeu! Mas já aconteceu de eu receber um xingão por não executar o procedimento conforme o protocolo. Mas esses casos são raros. São situações em que temos que tomar uma decisão muito rápida*” (Paulo, 2012).

Esse fragmento mostra a diferença entre procedimento e ação, evidenciando que muitas vezes não é o procedimento que guia a ação, mas o sujeito, no caso o trabalhador, que se coloca em ação. Nesse momento algo do sujeito emerge no trabalho, como suas experiências e vivências anteriores que se reeditam neste contexto. Nos vários manejos que ocorreram durante este atendimento, o trabalhador se utilizou de sua “inteligência prática”, de sua criação frente àquela dificuldade para conduzir a situação de trabalho da melhor forma possível.

Cooperação

O aspecto da cooperação reincidiu no discurso dos trabalhadores e é um tema que se destaca no cotidiano do trabalho, na falta ou na presença da cooperação, ela é sentida e valorizada pelos trabalhadores do SAMU.

Uma trabalhadora ressalta que é importante a cooperação dos pares, de demais colegas e também das outras bases do SAMU nos atendimentos, conforme expressa na seguinte fala: “*Um problema na nossa base é o fato de estarmos sempre sozinhos pra muita responsabilidade. Na base Regional, a base é maior, tem mais profissionais, tem a enfermeira, tem o médico. Sempre digo nos cursos, eles falam de como agir em determinada situação porque não estão sozinhos, têm o apoio de outros colega, mas quero ver se estivessem sozinhos como a gente sempre está. É uma enorme responsabilidade tu chegar na vítima, fazer o atendimento, ligar para o médico dar o seu parecer sobre a vítima para então vir uma orientação do que fazer*” (Maria, 2012).

Em sua fala torna-se explícita a demanda da cooperação, o quanto é importante compartilhar com os demais profissionais da instituição e obter apoio diante de um trabalho que exige maior atenção.

O tema da cooperação também se destacou nas narrativas dos trabalhadores quanto à especificidade do trabalho, conforme o depoimento a seguir: “[...] *foi um resgate difícil. Se o único rapaz que estivesse em condições de caminhar tivesse*

desacordado, ninguém teria encontrado eles durante a noite e aí, encontrá-los pela manhã seria fatal, porque eles caíram num barranco de uns quinze metros de altura e dentro de um banhado. O rapaz conseguiu subir o barranco e pedir ajuda na estrada[...] ainda bem que o corpo de bombeiros veio também, que outras bases do SAMU também vieram. A equipe trabalhou junto, organizaram espias para trazer as vítimas suspensas para a estrada” (Claudio, 2012).

A fala acima revela a vivência de cooperação no SAMU, que o processo de cooperação estende-se para além das fronteiras internas de trabalho, amplia-se o espírito cooperador para outras instituições que atuam concomitantemente no resgate das vítimas.

Estratégias de defesas coletivas no SAMU

Na luta contra uma realidade de sofrimento, os trabalhadores do SAMU se utilizam de mecanismos de defesa coletiva, próprios do grupo para aliviar o sofrimento e lidar com a situação de trabalho, o que demonstra o aspecto saudável do grupo que busca saídas diante do sofrimento. Este aspecto é demonstrado na fala de um trabalhador: *“Quando eu estou num chamado não vejo ninguém ao meu redor, só a vítima. Não escuto se alguém fala comigo. A gente está preocupada com a vítima, nossa atenção é só para a vítima. Tem gente que diz, eu te vi lá fazendo tal atendimento. Eu digo: desculpe, mas eu não te vi” (Carlos, 2012).*

A narrativa acima ilustra que voltar-se ao trabalho e focar a atenção no paciente, desvia o olhar e a opinião do outro, o que se torna imprescindível para manter o equilíbrio emocional dos profissionais e permite a realização do procedimento de emergência.

Ressignificação do sofrimento e emancipação dos trabalhadores do SAMU/Salvar

A emancipação do sujeito só sobrevém mediante a resignificação do sofrimento do trabalho. Resignificar o sofrimento significa dar outro sentido, um novo significado. A partir da relação com o outro e no coletivo que o sujeito pode falar do seu sofrimento, refletir sobre ele, assumir uma nova posição subjetiva e encontrar no trabalho novas fontes de prazer.

Os trabalhadores do SAMU auxiliaram em todo o processo de constituição da unidade no município. Ao iniciarem as atividades em primeiro de setembro de 2009, trabalhavam em outro espaço físico, cerca de quatro meses depois eles adentraram no estabelecimento físico em que é atualmente a base de trabalho. Este tempo de estruturação foi de considerável sofrimento, que marcou significativamente os profissionais que relataram: *“Quando iniciamos o serviço SAMU, essa sala não estava pronta, então o pessoal do Hospital nos cedeu a Associação dos funcionários para ficarmos. Eles fechavam o portão às 17h, então tínhamos que levar a ambulância para frente do hospital, em frente à porta da emergência e sentarmos naqueles banquinhos em frente ao hospital, estando frio ou quente. Era muito chato, e isso durou uns quatro meses. E mais chato era quando chegava emergência e nós ali, só assistindo sem poder fazer nada. Daí o pessoal chegava e saía do hospital, olhava nós ali sentados e parecia que queriam nos dizer: “e vocês aí sem fazer nada né?” O dia que recebemos nossa sala foi um alívio[...] Eu aprendi que tínhamos que apenas escutar e não dizer nada.” (Paulo, 2012).*

Este episódio demonstra que os trabalhadores suportaram um longo período de sofrimento relacionado à construção da base, ao estabelecimento do serviço SAMU e a constituição deste lugar junto a comunidade. Diante do sofrimento buscaram recursos internos no coletivo, pois o grupo se uniu e constituiu mecanismos internos de defesas para suportar o sofrimento. Transformaram-no em criativo, ou seja, encontraram caminhos para dar conta do que não estava prescrito abrindo pequenas fissuras no trabalho para encontrar prazer e obter momentos de satisfação.

Ao lembrar e narrar a história constitutiva da base SAMU durante o encontro, trouxeram à tona no coletivo um sofrimento recalcado, refletiram sobre a caminhada, e perceberam que tiveram aprendizado, por isso, sentem-se fortalecidos e amadurecidos. Um exemplo desse fortalecimento e do encaminhamento para a emancipação apresenta-se na fala de uma trabalhadora, quando comenta sobre projetos futuros do grupo: *“Percebemos que é preciso fazer um trabalho na comunidade para falar sobre ‘primeiros socorros’ e sobre chamar o SAMU para que eles possam auxiliar a vítima enquanto aguardam a nossa chegada e orientá-los como funciona o chamado do SAMU.[...] Sabemos que não adianta somente falar para os adultos, temos que educar as crianças. [...] Então estamos elaborando um projeto para ir às escolas a partir de março de 2012 e desenvolver um trabalho com esse público”* (Maria, 2012).

Esta fala ilustra o encaminhamento produtivo que os trabalhadores produziram a partir do sofrimento ressignificado, uma vez que, é justamente quando estão mobilizadas, a engenhosidade (inteligência singular) e a cooperação (inteligência plural) simultaneamente, o trabalho se anuncia como campo de luta pela emancipação. É por meio da abertura de espaço de fala, pelo exercício da inteligência prática, pelo reconhecimento e pelo trabalho coletivo que a ressignificação do sofrimento ocorre. (Dejours, 2011).

Discussão

As entrevistas apontaram que a dinâmica do reconhecimento opera de forma significativa no coletivo de trabalho do SAMU. Nas falas apresentadas no estudo de caso, percebe-se a importância do reconhecimento dos trabalhadores, seja pela profissão ou pelas tarefas executadas, e que este, a partir do olhar do outro, é esperado tanto do externo (pelo social) quanto do interno, ou seja, pelos pares e coordenação. Sendo assim, o reconhecimento é fonte de prazer (Mendes e Reis, 2011).

A pesquisa revelou que os trabalhadores, devido às especificidades de suas atividades (salvar vidas), precisam seguir protocolos rígidos e uma prescrição de trabalho. Mesmo com uma rotina baseada em rígido controle, evidencia-se que estes encontram saídas para exercer a autonomia e a liberdade para criar novas alternativas na rotina de suas funções. Repensam no coletivo “o fazer” a cada final de atendimento, reavaliam os atendimentos, os procedimentos, investindo sua subjetividade e autorizando-se a desenvolver novos métodos de trabalho. Essa abertura para criar, que advém da liberdade e da autonomia resulta em vivências de prazer e conseqüentemente, em saúde psíquica dos trabalhadores.

Tendo em vista que o trabalho de emergência tem as características da imprevisibilidade e da emergencialidade, o trabalho no SAMU por si só emerge no puro real suas peculiaridades, no qual estes se deparam com uma realidade ímpar em cada situação vivenciada. Desta forma, o trabalho prescrito se apresenta a todo instante por meio dos protocolos, das rotinas e dos procedimentos padrão estabelecidos e os profissionais atuam na lacuna entre o prescrito e o real.

Trocar as experiências com os pares, coordenação, psicóloga e demais profissionais, ter um espaço para falar das angústias, pedir ajuda, auxiliar a partir de experiências vividas, são ações que produzem vivências de prazer, além de ressignificar o sofrimento. Dessa forma, a saída para a problemática da transformação do sofrimento é o espaço público da fala que é construído pela cooperação, fundamentado na confiança que reflete as dinâmicas intersubjetivas e políticas dos trabalhadores. É um espaço onde as opiniões, contraditórias ou não, são livremente formuladas e declaradas em público (Mendes, 2008).

Um aspecto que se destacou durante a pesquisa no decorrer das entrevistas se refere às intervenções no coletivo de trabalhadores. Estas intervenções são realizadas de forma diferente que da clínica individual, os incômodos, dúvidas, sofrimentos, satisfações, comemorações são trazidas no coletivo, é um espaço em que os trabalhadores podem expressar seus sentimentos, refletir, discutir sobre as diversas situações que surgem. A partir da escuta e da intervenção, o coletivo consegue ressignificar sofrimentos, encontrar satisfação e se encaminhar para a emancipação, lugar de onde fala com maior firmeza em nome próprio, exerce com maior segurança sua inteligência prática e cria novas formas de realizar suas atividades.

Esta pesquisa demonstra a relevância da abertura de um espaço para análise coletiva na perspectiva da psicodinâmica do trabalho, pautada na escuta e na fala dos trabalhadores sobre as situações do cotidiano de trabalho, para que os mesmos possam elaborar seus sofrimentos, falar de suas angústias, compartilhar as vivências prazerosas e os seus êxitos. Nesta perspectiva, esta pesquisa instiga a continuidade dos estudos com os trabalhadores da saúde, já que estes apresentam peculiares relativas às demandas subjetivas no contexto do trabalho e são fonte de um universo laboral rico para a investigação.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1977) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Dejours, C. (1987) *A loucura do trabalho estudo de psicopatologia do trabalho*. 2. ed., São Paulo: Cortez Editora.
- Dejours, C. (2005) *O fator humano*. 5. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Dejours, C., Abdoucheli, E. e Jayet, C. (2010) *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (2011) Trajetória teórico-conceitual, In: S. Lancmann, L. I. Sznalwar (orgs) *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo 15 / Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Gernet, I., Dejours, C. (2011) Avaliação do trabalho e reconhecimento. In: Bendassolli, P. F., Soboll, L. A. P. *Clínicas do trabalho – novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo, Atlas.

- Martins, S. R. (2008) Tempo antes do adoecer: relações entre saúde e os processos psicodinâmicos do trabalho. In A. M. Mendes, (org). *Trabalho & Saúde: o sujeito entre emancipação e servidão*. 1. Ed. 3. reimpr. Curitiba: Juruá.
- Martins, S. R. (2011) A escuta do sofrimento na clínica do trabalho. In: Mendes, A. M., Merlo, A. R. C., Morrone, C. F. e Facas, E. P. (orgs). *Psicodinâmica e clínica do trabalho: Temas, interfaces e casos brasileiros*. Curitiba: Juruá.
- Mendes, A. M., Reis, L. K. M. (2011) A perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho sobre a prática da clínica do trabalho em instituições brasileiras. In: Zanelli, J. C., SILVA N. e TOLFO, S. R. *Processos psicossociais nas organizações e no trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M. (2008) *Trabalho & saúde - o sujeito entre emancipação e servidão*. Curitiba:Juruá.
- Negri, A., Lazzarato, M. (2001) *Trabalho Imaterial– formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A editora.
- Seligmann-Silva, E. (2010) Da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho: marcos de um percurso. In: Dejours, Christophe, Abdoucheli, Elisabeth, Jayet. Christian. *Psicodinâmica do Trabalho, contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.

Endereço para correspondência:

Av Brasil, 240, Bairro São Francisco

Três de Maio-RS CEP 98910-000

E-mail: cleusa@mksnet.com.br

Recebido em: 02/07/2012.

Aceito para publicação em: 20/08/2012.